

do por gente formada na escola de Pessôa. Os próprios alunos de Medicina, nas férias de fim de ano, eram levados à bandeiras científicas, para conhecer em primeira mão as endemias que afligem as nossas populações-e com que entusiasmo o faziam!

Outros discípulos embarcaram em experiências próprias, seguiram rumos diferentes, esqueceram o Samuel. Jamais ouvi de sua boca a menor cucixa, ou pelo menos troça sarcástica. Não só era profundo democrata, e reconhecia que cada um deveria seguir a própria cabeça, mas provavelmente adivinhava que mesmo, anônimo se conseguia sobreviver nos atos de outros.

Alguns ^{jeitos} ~~jeitos~~ -felizmente muito ^{jeitos} ~~jeitos~~ o traíram.

Você querem saber como foi, esta traição?

Mais adiante ficarão sabendo. ...

Era fiel à seus discípulos, de uma maneira inteiramente despreendida. Para citar apenas o exemplo mais marcante: em 1955 Pessôa solicitou a aposentadoria, não porque o pressionassem, nem por sentir fugir-lhe as forças. Nós o interpelávamos com insistência, procurando ~~dissuadi-la~~ fazer com que desistisse: "Porque aposentar-se justo agora, professor, quando as coisas andam tão bem, sua saúde anda excelente, todos ainda reconhecem que você é o líder?". E Samuel nos respondia-e não estava fazendo frase de efeito, artimanha que não conhecia-que agora deveria dar o lugar para os mais jovens, que ²⁴ anos já era o que bastava. E assim, teimoso como sempre, cedeu a cadeira para seu assistente mais antigo, que até hoje é dono da cadeira de Parasitologia. Passou para outras mãos as honrarias, e viajou para Alagoas, para os trabalhos de campo que lhe são tão caras.

Depois disto, por diversas vezes aceita o oferecimento de novas escolas médicas, para ~~uma~~ ^{essa} cadeira de Parasitologia. Jamais mostrou-se insensível a tais convites, mas desde que todos saibam que o faria a título precário apenas. Conta a Parasitologia da escola, aranja material, laminas, dá ele mesmo as aulas teóricas e práticas, e, passada a fase difícil, de implantação, renuncia ao cargo, e vai cede-lo à um seu ex-discípulo.

Jamais fui seu assistente na cadeira. Orgulho-me de ter saltado, sem transição qualquer, de aluno à amigo. Mas não foi fácil: Samuel levou anos para me aceitar como pesquisador. Lembro-me bem do dia que me repriminou, num de meus primeiros trabalhos, quando pensou reconhecer impaciência de minha parte, a pressa de chegar à um resultado. "Joven", disse-me ele, "fazer trabalho dá trabalho, sabias?". E acompanhava meus trabalhos de longe, de vez em quando dando sugestões, mas só quando eu as solicitava, tamanho era o seu recato. Em 1962 apresentei tese da Universidade de S. Paulo, a acredito que foi este o doutorado mais inconveniente, a tese mais excêntrica e arrojada em toda a história da faculdade. O que me salvou de uma inédita reprovação foi a presença, na banca de examinadores, de Samuel Pessôa. Seguramente não o fez, ^{por} ~~por~~ ser meu amigo-jamais apadrinhava alguém, ^{mas tinha o espírito da tribo.} Talvez o fizesse por reconhecer em meu trabalho uma parte dele mesmo, o protesto contra a convencionalismo da ciência, a aceitação de que a intuição também ^{parte del} ~~deve~~ participar ^{uma} ~~deve~~ visão de mundo.

Aluno-4

Professor aposentado, Samuel Pessôa volta ao nordeste. Em 1956 fui visitado em Maceió, penso que foi num domingo à tarde, numa casinha branca posta à sua disposição pelo Departamento Nacional de Endemias Rurais. No dia seguinte levou-